

## Legados da Pandemia – Fechamento

### I – INTRODUÇÃO

A pandemia do Coronavirus-19 não estava prevista.

Longe de mim desmerecer o valor de se elaborar um plano, de se traçar metas. Porém... é interessante o que pode acontecer, a partir de um ato, mesmo que aparentemente seja um pequeno ato, ou de um incidente, pequeno ou grande, que não tenha sido previsto...

### II – ENCONTROS VIRTUAIS

Nós, os **Pantufas de Ouro**, não queríamos suspender nossos encontros semanais por causa da pandemia. Estava claro que encontros presenciais eram proibitivos, em especial porque a maioria de nós está com mais de sessenta anos, ou seja, está em grupo de risco. Entretanto... não somos propriamente ases no manejo do mundo virtual... Dominamos o básico, alguns com mais habilidade, outros com menos. Em nosso socorro apareceu **Adriana Martinelli**, filha de **Antonio Carlos**, que conseguiu nos reunir numa bela terça-feira pela manhã através da plataforma *zoom*.

Descobrir que se podia estar com os **Pantufas de Ouro** virtualmente teve um sabor de aventura e muita alegria.

Tivemos que vencer a fase de aprendizado: com ensaios, erros e “*eurekas*”, com paciência e persistência, nos adestramos para dominar as habilidades adequadas a essa situação nova.

Nosso tema principal das três primeiras semanas em encontros virtuais foram queixas sobre as consequências da pandemia. Estávamos improdutivos em relação aos nossos objetivos, e sentíamos necessidade de falar muito sobre nossas dificuldades. Eu tinha a sensação de que o grupo estava derrapando, sem sair do lugar, e um prolongamento de sessões de lamentação talvez decretasse o fim do grupo.

### III – SURGE UM NORTE

No meio da enxurrada de queixumes, **Suely** disse que no futuro pessoas iriam querer saber como atravessamos essa crise, portanto ela iria escrever um legado para a posteridade. Essa frase mexeu comigo. O ponteiro da bússola dos **Pantufas de Ouro** deixou de girar como uma biruta sob uma tempestade de vento, e achou um norte.

Cada **Pantufa** escreveria seu legado para a posteridade!

#### IV – MÃOS À OBRA

Com o entusiasmo e a paixão próprios do grupo dos **Pantufas de Ouro**, os participantes aderiram à proposta e os textos começaram a ser escritos. Escrever sobre um tema em aberto pode ser bem difícil para alguns; elaborei então uma lista de catorze questões, para orientar o pensamento dos autores, e facilitar sua tarefa, fragmentando o tema em tópicos curtos.

Cada um produzia individualmente, durante a semana, com a liberdade de seguir ou não o esquema pergunta-resposta. Por exemplo, **Cleide** resolveu escrever uma carta às netas, e **Jader** uma conversa com um desconhecido habitante do futuro.

Apenas combinávamos quantas perguntas deveríamos responder a cada semana. Demos a nós mesmos um prazo para os textos ficarem prontos.

Nas terças de manhã voltamos a discutir textos e a refletir sobre o envelhecimento. Acabou-se a fase das queixas e lamentos.

#### V – E AGORA, FAZER O QUÊ?

Textos entregues, lemos e comentamos uns dos outros, usando parte de dois de nossos encontros virtuais. Lamentamos que, embora por motivos justos, alguns **Pantufas de Ouro** não participaram dessa aventura nova: tanto queríamos ter lido os legados deles, como queríamos que tivessem se beneficiado da experiência, como nós.

Olhando o conjunto dos textos, ficamos empolgados com o que tínhamos produzido. Só que não tínhamos um plano prévio. Não sabíamos o que fazer com os textos que nos empolgaram. Cruzamos palpites, sugestões, opiniões, perguntamos para pessoas próximas a nós. Agora o socorro veio de outra filha de um **Pantufa, Juliana Baratto**, no caso minha filha, que consolidou a ideia que já tinha pipocado entre nós, de que seria válido tomarmos um determinado rumo.

A solução foi a seguinte: todos os textos, completos, estão no site do Ideac ([www.ideac.com.br](http://www.ideac.com.br)), numa aba criada para isso; no *Instagram* (*ideac7*) e no *Facebook* (*ideac*) aparecem trechos, que remetem aos textos completos no site.

#### VI – NOS BASTIDORES

**Ivani**, a Pantufa de Ouro que é jornalista e que administra as redes sociais do Ideac, com muita tarimba escolheu dois trechos de cada texto para postar no *Instagram* e no *Facebook*. Fez a publicação em ordem alfabética, acompanhando-a de uma foto do autor: entre 13 de agosto e 28 de agosto de 2020, foi do **A** de Ana até o **T** de Tatiana. Foi um compromisso que demandou muito esforço, mas ninguém ouviu de Ivani uma só queixa a respeito!

Só uma das participantes dos Pantufas de Ouro teria competência, persistência, autoridade e organização para recolher todos os textos e fotos no prazo, reuni-los e prepará-los para serem colocados nas mídias do Ideac: **Cleide**! Como somos muitos, todos muito criativos, e nem todos muito disciplinados, houve momentos em que Cleide precisou lançar mão de todo o estoque de paciência de que dispunha; só que, terminada a tarefa, ela se mostrava feliz como uma criança que conseguiu seu doce predileto.

Coube a mim, **Maria Celia**, fazer a revisão dos textos, padronizando citações, grafia de termos estrangeiros, discutindo com cada autor sobre coerência, consistência, clareza, repetições, organização lógica e encadeamento das ideias. Dediquei a esse trabalho muitas e muitas horas. Faria tudo de novo, pois o resultado compensou plenamente o esforço dispendido no processo!

## VII – UM FECHAMENTO QUE AINDA NÃO É UMA CONCLUSÃO

Em palestras e cursos sobre envelhecimento, tenho repetido que ninguém pode se esquivar de crises ao longo da vida, e feliz é quem se prepara para elas durante os períodos de calma. Nossos relatos sobre a crise desta pandemia confirmam isso.

Ao longo de nossas reuniões habituais, discutíamos temas difíceis como finitude, perdas e solidão, percebíamos a importância da história de vida de cada um, conversávamos sobre o valor do velho na sociedade, sobre criatividade, espiritualidade, bom humor, cuidados consigo mesmo, pertencimento a grupos familiares ou de escolha, e cultivávamos entre nós laços de confiança, liberdade e afeto. Estávamos nos fortalecendo! O isolamento social nos surpreendeu, nos sacudiu, mas não nos desestabilizou: tínhamos recursos aprendidos anteriormente, e fizemos uso deles, cada qual a seu modo, cada qual na medida que lhe foi necessária.

Ao ler os Legados da Pandemia, e estando cientes das enormes diferenças individuais que existem nas faixas etárias mais altas, chama a atenção que há tópicos que todos mencionam. Por exemplo, a propensão para extrair, de uma situação desagradável, algo de positivo para si e para outros; sentimentos de reconhecimento e de gratidão por dispor de tantos recursos materiais, sócio-afetivos, cognitivos e emocionais, de tantas coisas boas na vida; o assumir sem hesitar tarefas caseiras

rotineiras, embora pudessem ser fatigantes e nada estimulantes; a presença de uma dimensão espiritual ocupando lugar importante numa crise, dando conforto e significado; retornos a pessoas e fases do próprio passado; esperanças de uma depuração de valores em resultado dessa fase complicada, levando ao surgimento de indivíduos melhores e de sociedades mais sadias do que as nossas. Também há nos Legados uma unanimidade em afirmar que o simples fato de escrever sobre o que estávamos vivendo foi um fator de extrema importância para colocarmos os sentimentos em ordem e o tamanho dos fatos em seus devidos lugares.

Os **Pantufas de Ouro** escreveram os Legados da Pandemia no começo do isolamento social. Muita coisa mudou entre março e hoje, setembro. Muita coisa vai mudar até que se decreta o fim da pandemia. Daí, provavelmente, será o momento de cada autor escrever uma conclusão sobre como viveu essa crise tão imprevista e tão forte da humanidade. Conclamo cada um para a redação de um *post scriptum*!

São Paulo, 29 de agosto de 2020.

Maria Celia

\*\*\*